
ENSINO, SAÚDE E AMBIENTE

Mãos negras sobre papéis brancos: carta de três negras mulheres a Paulo Freire por uma pedagogia antirracista

Black hands over white roles: letter from three black women to Paulo Freire for an anti-racist pedagogy

Aline Gomes da Silva¹; Ana Paula Venâncio²; Jonê Carla Baião³

¹ Doutoranda em Psicologia (UFF), Instituto Nacional de Educação de Surdos. Rio de Janeiro, RJ, Brasil – E-mail: alineg@ines.gov.br / ORCID <https://orcid.org/0000-0003-2453-8051>

² Doutoranda em Psicologia (UFF), Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro – Fundação de Apoio a Escola Técnica (ISERJ/FAETEC). Rio de Janeiro, RJ, Brasil – E-mail: anapaulavenancioafrica@gmail.com / ORCID <https://orcid.org/0000-0002-8399-3655>

³ Doutora em Letras (PUC-Rio), Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-Uerj - DEF - PPGE), Rio de Janeiro, RJ, Brasil – E-mail: jonebaiiao@gmail.com /ORCID <https://orcid.org/0000-0003-2885-5628>

Rio de Janeiro, fim de primavera, tempos sombrios e com mudanças nas temperaturas...

Caro professor Paulo,

Escrevemos esta carta em seis mãos. Somos três negras mulheres professoras primárias de escolas públicas do Rio de Janeiro, mas atuamos cada uma em redes escolares diferentes, também temos idades/tempos diferentes. O que nos aproxima aqui é o diálogo que fazemos com seus textos e a marca que trazemos na pele, no corpo e na profissão: o estudo racial no magistério.

Estamos em 2021, mais precisamente novembro. Nos aproximamos de 1/4 do século 21 e ainda há um debate sobre o que hierarquiza os poderes, os saberes e os seres: se é a classe ou a raça...

Aprendemos e dialogamos com as leituras de *Pedagogia do Oprimido* um pouco mais sobre as desigualdades sociais que atingem nosso povo, nossa história e o cotidiano das salas de aula carregadas, fundamentalmente, pela relação de poder dos opressores contra os oprimidos. Embora, nessa obra, o senhor (vamos tratá-lo assim, pode ser?) não tenha discutido a questão racial no Brasil, foi nela que começamos a compreender o conceito, hoje tão atual, de interseccionalidade como uma forma de entender o mundo e as pessoas em sua complexidade.

Carta

Em *Pedagogia da Esperança* tivemos um encontro feliz do senhor com o grupo de feministas norte-americanas, quando da época de seu encontro com bell hooks e com outras mulheres. Vimos que quando interpelado por elas, mudou radicalmente a linguagem machista em sua obra, recriando uma linguagem que deu visibilidade a nós mulheres, não para nos agradar, mas como o senhor mesmo afirmou: “mudar a linguagem faz parte do processo de mudar o mundo”.

Sabe, professor Paulo, nessa perspectiva dialética de linguagem e também de intersecção, nós, como negras mulheres professoras, temos chamado o senhor ao diálogo em nossas pesquisas.

Nossa história de luta pela educação pública não é de hoje, é ancestral. Nossos antepassados não tiveram direito à educação quando foram libertos da escravização e ainda hoje existe em nossa sociedade um processo que exclui meninas, meninos e meninos negros, negros e negres dos bancos escolares, seja pela pobreza, pela violência, pela territorialidade, pela classe, pelo gênero, pela orientação sexual, pelo capacitismo, sendo a questão racial a grande matriz do processo de exclusão em nosso país.

Não se pode esquecer que os efeitos da colonização desse país perduram até hoje. Por isso mesmo, fazemos parte da resistência política na luta contra o racismo na escola e fora dela.

Pois é professor, os tempos estão difíceis, chegaram a dizer que suas ideias nada acrescentam e que seu legado escrito, seus livros, não faziam sentido para a educação que hoje se profere. Aqui estamos, como negras professoras de escolas públicas e, majoritariamente negra, assumindo que suas ideias compõem nosso pensar-fazer, nossa prática e nossa luta também por meio da crítica e da utopia.

Em sua obra *Pedagogia da Autonomia*, o senhor nos apresenta a escola de uma maneira desafiadora, nos chamando à responsabilidade ética no exercício de nossa prática docente. E o que compreendemos com esse chamado?

Compreendemos que é preciso ter compromisso com a luta por uma escola pública-ética-antirracista. Sendo assim, “não podemos nos assumir como sujeitos da procura, da decisão, da ruptura, da opção, como sujeitos históricos, transformadores, a não ser assumindo-nos como sujeitos éticos”.

Então, como não pensar no racismo? Como não pensar no racismo intraescolar? Como não transgredir a ideia de que a escola ainda é um dos pilares do racismo institucional? Se ensinar exige criticidade - como o senhor bem dizia - podem essas questões ficarem deitadas no

Carta

“berço esplêndido” do silêncio curricular? E se ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação, como bem nos ensina bell hooks sobre transgredir não só pela luta, mas pela ética e pela decência à memória de nossos ancestrais que doaram suas vidas na luta antirracista ao direito de viver, ao direito de ser por mais de três séculos.

Ao pensar nesse ponto tão sensível de nosso ser, como negras mulheres que somos, ainda sangramos a dor do racismo que antes mesmo de nascermos já nos feria. Hoje, como militantes negras professoras, corroboramos sua mensagem no tocante a “ensinar não é transferir conhecimento”. Ao estarmos com alunes em nossas salas de aula ou mesmo espalhadas pelo território da escola, palavras ecoam nosso pensar e nosso cotidiano na busca de uma educação antirracista.

Aprendemos com sua aprendiz Conceição Evaristo a gestar a escrevivência de nossas palavras na perspectiva de nossos negros olhares, sentidos, escutas, percepções, parindo insubmissas escritas, transgressoras dos silêncios mortificadores. Escrita que tece esta carta enlaçada por seis negras mãos de mulheres professoras.

E sim, concordamos que ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo, e que ensinar exige disponibilidade ao diálogo. Intervir e dialogar são ações que nos atravessam todo tempo. Somos seres dialógicos, históricos, pois estamos escrevendo nossas histórias e ajudando outras, outros e outres meninas, meninos e menines negra, negros e negres a escreverem as suas e com essas palavras intervirem no mundo.

Nossas opções políticas não são neutras, pelo contrário, são localizadas e agenciadas na/pela luta antirracista dentro e fora da escola. Nos inspiramos em suas palavras ao dizer que “o fundamental é a minha decisão ético-política, minha vontade nada piegas de intervirmo no mundo”, pois para haver um diálogo, é preciso haver quem escute e a abertura para essa escuta. A experiência da abertura como experiência fundante do ser inacabado, nos aproxima e ao mesmo tempo nos ensina, pois é na transgressão do inacabamento que rompemos, gritamos, lutamos e escrevemos nossas histórias. Mas não estamos sozinhas nesta luta, nos unimos a tantas outras negras mulheres professoras como Luiza Rodrigues de Oliveira, Nilma Nilo Gomes, Conceição Evaristo, Patricia Hill Collins e bell hooks.

Professor Paulo sabe por que escrevemos esta carta? Talvez porque estejamos carentes de interlocutores que nos ajudem a pensarviver o Brasil em finais de 2021. Precisamos lhes noticiar para nos aconselhar sobre o processo político opressor que alude ao vivido por você no final dos anos sessenta.

Carta

Estamos vivendo um retrocesso nas políticas públicas, sendo a educação, especialmente das classes populares, uma das mais atingidas, apesar de muita luta dos movimentos sociais negros, indígenas, sem-terra e outros que muito trabalharam para construir currículos que dialogassem com outras formas de organização de conhecimentos numa perspectiva decolonial.

Estávamos consolidando algumas conquistas também no ensino superior com uma política, professor Paulo, chamada de Políticas de Ações Afirmativas. Sim, as filhas e alguns netos de seus jovens e adultos alfabetizados das classes operárias estavam conseguindo chegar às universidades públicas conquistando uma “reparação histórica” diante dos silenciamentos e apagamentos a que nossos antepassados foram submetidos. Que luta, professor Paulo!

Vencendo essa luta, estávamos começando a discutir a formalização curricular com leis que “abriram” a escola para alunas, alunos e alunes com deficiências físicas e intelectuais, surdos, cegos; indígenas; alunas, alunos e alunes transexuais com direitos a usarem seus nomes sociais em documentos escolares, o que ampliaria em muito o acesso escolar de uma parcela significativa da sociedade. Mas mestre, houve um grande acordão político em 2017, que culminou com o impeachment da primeira mulher presidenta eleita pelo povo brasileiro.

Um ano após o governo ilegítimo assumir a presidência, houve uma perseguição política e jurídica ao ex-presidente Lula que o tirou da concorrência às eleições de 2018. Ao ocupar o poder, o novo governo, contrário às suas ideias, empreendeu um forte ataque ao seu legado.

Pode, professor Paulo? Quiseram te tirar como patrono da educação brasileira? Não queremos ficar aqui falando mal dos outros, daqueles que não gostam de seus livros, mas precisamos te dizer que tem sido difícil mostrar que seu centenário deve ser comemorado. É imprescindível lembrarmos a sua importância na formação do povo brasileiro, especialmente na alfabetização de jovens e adultos camponeses, sem teto, sem-terra, pobres, imigrantes, quilombolas e tantos outros grupos oprimidos e que foram privados de seus direitos a educação.

Professor, obrigada pela escuta/leitura cuidadosa desta carta, o senhor não pode imaginar como este diálogo nos ajuda a persistir, porque, como o senhor tem repetido em nossas ações: a leitura da *palavramundo* é fundamental para a escrita de outras versões da história até aqui contada, uma história que nos faça mais humanizadoras e humanizadores.

Para nós negras professoras, o senhor continua sendo referência de nossas práxis e de nossa luta mesmo em tempos sombrios e de tantas violências. Apostando na pedagogia da pergunta, interrogamos: como não silenciar a educação para todes?

Carta

Estamos na pista indiciária que nos leva a resignificarmos não só a leitura de suas obras através dos conhecimentos que nos apropriamos, assim como na luta empreendida a cada dia, enraizadas nas leituras e escritas de uma educação laica, democrática, inclusiva e sobretudo antirracista.

Nos despedimos, apostando, como nos ensina o mítico olhar do pássaro Sankofa, que para construirmos um futuro melhor precisamos conhecer nosso passado, o legado do senhor. Olhando para ontem, apontamos para um futuro de uma educação cada vez mais libertadora.

Amorosamente, três negras professoras,

Aline, Ana e Jonê.

SOBRE AS AUTORAS

ALINE GOMES DA SILVA

Professora do Ensino Básico Técnico e Tecnológico do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Doutoranda do Programa de Psicologia da Universidade Federal Fluminense (UFF). Faz parte do grupo de pesquisa Oralidades – coordenado pela Professora Dra. Luiza Rodrigues de Oliveira.

ANA PAULA VENÂNCIO

Professora dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro - ISERJ/FAETEC. Doutoranda em Psicologia do Programa de Pós-Graduação de Psicologia da Universidade Federal Fluminense (UFF). Faz parte do grupo de pesquisa Oralidades – coordenado pela Professora Dra. Luiza Rodrigues de Oliveira.

JONÊ CARLA BAIÃO

Professora Associada do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (CAp-Uerj). Atua na Educação Básica, na Graduação em Pedagogia e no Mestrado Profissional de Ensino em Educação Básica (PPGEB). Doutora em Letras (PUC-Rio). Realiza pós-doutoramento no Programa de Pós-Graduação de Psicologia da Universidade Federal Fluminense (UFF). Faz parte do grupo de pesquisa Oralidades – coordenado pela Professora Dra. Luiza Rodrigues de Oliveira.